

DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS QUE ECOAM (D)NA AMAZÔNIA

Suanny da Silva Alves¹

Mestranda em Educação pelo PPGE/UFAM.

E-mail: suhalves8@gmail.com

Fernanda Priscila Alves da Silva

Doutora em Educação e Contemporaneidade. Psicóloga e Pedagoga.

Docente no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ/UFAM) e professora colaboradora no PPGE/UFAM.

E-mail: fernandasilva@ufam.edu.br

Resumo: Este estudo traz uma análise considerando as pesquisas autobiográficas enquanto metodologia nas produções científicas contidas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), da Universidade Federal do Amazonas, entre os anos de 2019 à 2023. Trata-se de uma revisão bibliográfica, consistindo na coleta de informações e dados a partir de publicações acerca da temática em questão. O presente levantamento apontou a ausência da utilização da perspectiva epistemológica e metodológica dos estudos autobiográficos em educação nas pesquisas desenvolvidas na linha 3 - Educação Inclusiva, Educação Especial e Direitos Humanos na Amazônia do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFAM, ao contrário, dos demais programas de pós-graduação da respectiva instituição, cujas pesquisas relacionadas, como a História Oral e Narrativas de Vida vêm sendo desenvolvidas em diversos locais, inclusive no Baixo Amazonas, no qual subsidiará posterior desdobramento deste trabalho.

Palavras-chaves: Autobiografia. Amazônia. Direitos Humanos. Educação Inclusiva.

Introdução

Estabelecida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), em 1948, a educação torna-se um direito essencial para garantir igualdade, justiça e dignidade a todos os cidadãos. No Brasil, após a Constituição de 1988 consolidar a educação como um direito social, ordenamentos jurídicos foram criados para sua efetividade, dentre eles: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o qual tem regulamentado e promovido subsídios à concretização de uma educação inclusiva.

¹Agência de Financiamento: Fapeam e Capes



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Apesar dos avanços, há diversos desafios que necessitam de uma contínua adaptação e aprimoramento no sistema educacional para atender às demandas de todos os públicos e suas especificidades.

Neste intuito, de reconhecer as subjetividades dos alunos para desenvolver práticas educativas humanizadas, especialmente àquelas pessoas com deficiência, propõe-se a perspectiva autobiográfica, entendida como a *narrativa e escrita de si*, como um campo discursivo multifacetado que nos permite explorar experiências pessoais e coletivas, que auxiliam a superar visões estigmatizantes, conforme frisa Vasconcelos (2022). O propósito, não é buscar uma “verdade preexistente”, mas investigar a construção da consciência histórica de si e do aprendizado individual nos territórios que habitam, alinhando assim o currículo às necessidades e experiências dos alunos, como prevê a legislação educacional (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011). Diante do exposto, a intenção deste trabalho é analisar o uso das pesquisas autobiográficas enquanto metodologia nas produções científicas de mestrado e doutorado da UFAM, entre os anos de 2019 a 2023.

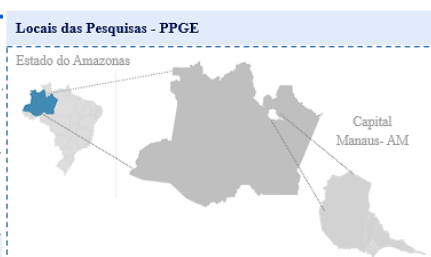
Desenvolvimento

Este trabalho ancora-se em uma *abordagem qualitativa* que tem como perspectiva compreender a complexidade das realidades sociais e educativas, possibilitando um olhar mais aprofundado dos fenômenos investigados (Demo, 2018, p.92). Na etapa exploratória, realizou-se uma *revisão bibliográfica*, utilizada para situar o estudo no contexto de determinado conhecimento existente e assim detectar lacunas que o novo trabalho pode preencher (*Ibid.*, p.114). A pesquisa analisou trabalhos disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFAM, de 2019-2023, na área das Ciências Humanas. Primeiramente, foi pesquisado o descritor *Autobiografia*, obtendo-se um total de 72 trabalhos publicados. No entanto, após análise individual do *item metodologia* (Figura 1), somente 5 Dissertações e 1 Tese relacionavam-se a pesquisa autobiográfica.

Figura 1 - Quadro Demonstrativo

Programas da UFAM	Teses (Título)	Dissertação (Título)	Ano
PPSCA	<i>O visual do invisível: a complexidade das categorias entre a música e a cegueira</i>	<i>Palhaça Preta na Amazônia: decolonialidade, corpo e riso</i>	2019 e 2022
PPGL	-	<i>Quarto de despejo: gênero e autobiografia na literatura de Carolina Maria de Jesus</i>	2019
PPG-FILO	-	<i>O concelho de coração em Jean-Jacques Rousseau: conselhos de prudência para aulas de filosofia no ensino médio</i>	2022
PPGE	-	<i>Um olhar para as professoras que ensinam matemáticas nas Escolas do Campo em Manaus; "Sai o kit gay entra a leitura em família": o livro didático no governo Bolsonaro (2019-2022);</i>	2021 e 2023

Figura 2 – Locais de pesquisas



Fonte – Arquivo Pessoal

Destas, apenas 2 dissertações pertenciam ao Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE, conforme a figura 1. Visando desdobramento deste estudo, foi observado também o local das pesquisas, sendo todas executadas na capital Manaus-AM (Figura 2). Paralelamente, constatou-se 21 trabalhos cuja metodologia fundamentava-se na História Oral, Escrivivência, Narrativas Biográficas e Orais, Autoetnografia, Memórias, Trajetória de Vida e Prosopografia, alcançando seis programas da UFAM:

Figura 3 - Quadro demonstrativo

Programas	Dissertação (Títulos)	Tese (Títulos)	Ano
1 PPGE	1-4 formação continuada e as práticas docentes com o uso de software Quêdru; 2-Formação inicial de professores de Língua Portuguesa intermediária pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID): reflexões a partir das práticas docentes em escolas amazônicas;	1-Políticas públicas de formação de professores: o PARFOR e as mudanças objetivas e subjetivas na vida dos trabalhadores docentes em Manaus-AM;	2021 e 2023
2 PPGSCA	1-Narrativa cultural pelo fô, uma análise filiofotomontagem de "Cape Dancer"; 2-Tambores de Mina na Amazônia: memória e reconfiguração identitária do Torvoiro de Santa Bárbara do Serigipi Mirim - AM;	1-Pentecostalismo e espiritualidade na Amazônia: a fé como elemento de manutenção da vida no contexto da Periferia no Amazonas; 2-O trabalho e saúde do(a) trabalhador(a) e seu processo de envelhecimento ativo e saudável em tempos de pandemia Covid-19 em Manaus, Amazonas; 3-Bela da criação: o arquivo pessoal de Andréa Boça; 4-"De Senhor à terra": uma análise sobre o retorno das denominações pentecostais nas migrações de terras em Manaus;	2019, 2021, 2022 e 2023
3 PPGL	1-Narrativas da Comunidade Quilombola da Praça 14 de Janeiro: um estudo sociolinguístico; 2-Memórias de vida e experiências educacionais de pessoas subjetivas: interações entre análise de discurso e psicanálise; 3-A feticionalização das vozes amazônicas em Banco de Caxoa - cenas de rios e vozes das Amazonas, do Alvoiro Davila Maia; 4-Mulher e cidade: a representação feminina no espaço metropolitano em Quarenta dias, de Idalina Valéria Rezende;	-	2020, 2021 e 2022
4 PPGH	1-As elites se divertem: identidades, instabilidades e associativismo na Ideal Clube (Manaus, 1902-1920); 2-Entre a Península e o Amazonas: a ingenuidade de mistérios Clotilde Benjamin Thomas, a inserção presente na Amazônia e a Igreja de Cristo em Urucará (1914-1970);	1-"Dona da Floresta": uma paisagem industrial de Clara Pandolfo e sua obra sobre a Amazônia (1952-1990);	2021, 2022 e 2023
5 PPGAS	1-Escravidão e corpos racializados com a assistência médica em Carreira/AM e Manaus/AM;	1-"Mito da era negra, meu pai branco, não maronês": relatos biográficos de descendentes de barbadenses no Amazonas;	2023
6 PPGECH	1-Narrativas de professoras e professoras sobre a literatura de autoria feminina nas aulas de formação escolar e não escolar: um olhar para o Curso de Letras; 2-O rito de iniciação e suas influências no processo educacional em Manaus; 3-A formação continuada na interface da prática pedagógica de professoras: um estudo com docentes da Educação Básica;	-	2021

Figura 4 - Panorama dos locais de pesquisa



Fonte – Arquivo Pessoal

Nota-se, uma descentralização dos locais de pesquisas tanto de municípios do Estado, como fora do país, no caso Moçambique. Considerando a perspectiva dos estudos autobiográficos em educação, emergiu a necessidade de verificar, neste mesmo período, como as pesquisas científicas adotaram a narrativa autobiográfica enquanto metodologia nas temáticas da linha 3 - Educação Inclusiva, Educação Especial e Direitos Humanos na Amazônia, do PPGE. Para isso, utilizou-se três descritores: *Autobiografia*, *Educação Inclusiva* e *Direitos Humanos*, obtendo-se um total de 178 trabalhos publicados.

Destes, apenas 1 Tese, de 2019, intitulada “O visual do invisível: a complexidade das categorias entre a música e a cegueira”, do PPGSCA trouxe a pesquisa autobiográfica como método de investigação, evidenciando a História de Vida e acadêmica de uma pessoa com Baixa Visão residente na capital Manaus-AM. Neste viés, identificou-se também 14 trabalhos que utilizaram em suas metodologias a denominação: História Oral, Narrativas de Vida e Autoretrato, vinculadas ao: PPGSCA,



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

PPGH e PPGPSI trazendo realidades da capital Manaus e municípios adjacentes como Coari, Parintins e Tabatinga. Em uma busca mais refinada e restrita no PPGE/UFAM, dos 24 trabalhos publicados nenhum apresentou em sua metodologia a pesquisa autobiográfica.

Ambos os levantamentos, trazem a reflexividade que os pesquisadores têm empregado a perspectiva autobiográfica para enfatizar a experiência de sujeitos pertencentes a grupos historicamente marginalizados, pois essa abordagem valoriza a subjetividade e a legitimidade dessas vivências, que rompe estereótipos e narrativas hegemônicas para promover inclusão e justiça social. Uma prática metodológica que explorou a interseccionalidade de identidades buscando reivindicar o seu direito à voz e à representação no campo científico.

No entanto, que no cerne das pesquisas, mostrou-se o *lugar da fala*: de mulheres, professores e pessoa com deficiência, um conceito que Paulo Freire (2005) descreve ser essencial a conscientização e emancipação dos envolvidos, uma vez que a experiência de um grupo oferece autenticidade que desafia os discursos dominantes e contribui para uma transformação social mais inclusiva e crítica das realidades. Por isso, torna-se latente que diferentes vozes sejam ouvidas e visibilizadas nas escolas, por meio da autobiografia, como um espaço de diálogo que além de estimular a empatia, a colaboração e o empoderamento enquanto coautor de sua história, traz à tona questões sociais e políticas que incentivam a expressão e o debate em sala, preparando-os para exercer uma cidadania crítica e participativa, onde sejam capazes de argumentar e defender suas perspectivas perante imposições elitistas.

Inclusive, um dos destaques nas pesquisas, refere-se às questões de raça, gênero e outras formas identitárias, que foram reverberadas através de escrituras e enfoques decoloniais, impulsionados pela ascensão dos movimentos sociais que lutam por seus direitos (Nascimento, 2021). Nas pesquisas, as vozes negras, indígenas e ribeirinhas ressaltaram que em seus ambientes sociais, profissionais e acadêmicos frequentemente enfrentam resistências a paradigmas tradicionais que priorizam a neutralidade e a universalidade, ao invés de um espaço que reflita as complexas dimensões das identidades e da opressividade, na tentativa de sanar injustiças e provocar mudanças significativas.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Observou-se também, crescente interesse em refletir sobre autobiografias provenientes do Baixo Amazonas, segundo Silva (2022), é uma tendência significativa resultante de um processo amplo de democratização do conhecimento, no qual essas experiências e narrativas estão começando a adentrar com seus sujeitos e a serem reconhecidas nos centros hegemônicos das universidades. Um movimento que Paulo Freire (2005), enaltece como crucial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, o ato de ouvir e valorizar as vozes desses oprimidos.

Por fim, a análise bibliográfica demonstrou que, embora ainda não existam trabalhos com a perspectiva autobiográfica no PPGE/UFAM, especificamente na Linha 3, reconhece-se a ênfase dos poucos estudos desenvolvidos em outros programas ao abordarem temáticas como inclusão e direitos humanos no fomento à visibilidade e a afirmação social desses grupos nas reformulações do campo acadêmico, científico e escolar, uma vez que as narrativas impactam diretamente o progresso ou regresso do indivíduo no âmbito educacional e social.

Considerações finais

Embora a pesquisa autobiográfica esteja ganhando notoriedade em prol de uma educação mais inclusiva, humanizada e reflexiva, sua utilização ainda é limitada. Mesmo diante, de estudos que comprovam sua criticidade, dialogicidade e autenticidade, o ceticismo persiste quanto o seu uso metodológico. No entanto, suas variantes propagam nos programas de pós-graduação da UFAM cujo local de pesquisa também tem expandido ao Baixo Amazonas e exterior, num progresso gradativo do *fazer ciência*. Espera-se que haja mais integração da pesquisa autobiográfica nas práticas educacionais e científicas de modo a revelar narrativas de sujeitos históricos culturais que anseiam por mudanças educativas e sociais, o qual lhes considere para além do *corpus* textual.

Referências

DEMO, José Carlos de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e técnicas de pesquisa**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

NASCIMENTO, M. **Escrevivência e decolonialidade: A voz dos silenciados**. Ed. UFMG, 2021.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de Souza; VICENTINI, Paula Perin Vicentini. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização.** Educação em Revista, 2011.

SILVA, J. **Narrativas e resistência: A autobiografia como método de pesquisa no Baixo Amazonas.** Editora Z, 2022.

VASCONCELOS, Sandra Maia. **Narrativas de vida: uma questão de método.** Curitiba: CRV, 2022.